

Caso Dandara e o martírio midiático de uma travesti: um estudo comunicacional a partir do programa Profissão Repórter¹

Karyne Lane Alves GOMES²

Walisson Angélico de ARAÚJO³

Joubert de Albuquerque ARRAIS⁴

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

O presente artigo busca apresentar o caso da travesti Dandara dos Santos, agredida e assassinada em fevereiro de 2017 em Fortaleza (CE), e sua repercussão na mídia, analisando-o a partir da edição de 26 de abril de 2017 do programa Profissão Repórter (Rede Globo). Nosso intuito é apresentá-lo e explorar como a mídia trata grupos historicamente excluídos, já constatado um aumento progressivo de casos noticiados semelhantes ao de Dandara. Destacamos sua relevância na constituição de uma opinião pública sobre respeito à diversidade e certas contradições entre a própria comunidade LGBT⁵ com LGBTTT. A problemática levantada pelo programa e a forma como o caso foi retratado nos mobiliza a pensar na repercussão do caso Dandara. Para tanto e na medida do possível, utilizaremos os métodos de análise de imagem e análise do discurso, dialogando com autores da comunicação e dos estudos de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Mídia; Travesti Dandara; Caso Dandara; Profissão Repórter;

INTRODUÇÃO

O martírio de Dandara simboliza a necessidade do debate sobre defesa dos direitos humanos. Seu assassinato brutal evidencia uma síntese sobre violência contra minorias e pessoas. O cenário, Bom Jardim, é um bairro que concentra miséria e aparece diariamente no noticiário “espetacularizado” da maioria dos programas policiais, retratando esse espaço urbano como um dos mais violentos de Fortaleza, capital brasileira com a mais alta densidade demográfica do país. Esse cenário mostra-se desafiante para a prefeitura desta cidade e também para o governo do Estado. O bairro Bom Jardim tem a menor cobertura por saneamento básico da capital e um dos menores índices de desenvolvimento humano do Ceará, com renda *per capita* de R\$349,45. Estariam as pessoas que habitam esse bairro cearense anestesiadas pela miséria? E seu

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do curso de Jornalismo da UFCA, email: karynelane@gmail.com

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do curso de Jornalismo da UFCA, email: walissonangelico@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor Doutor do curso de Jornalismo da UFCA, email: joubert.arrais@ufca.edu.br

⁵ Sigla comumente relacionada à comunidade gay e em ações contra homofobia.

povo refém do ódio resultante de um descaso público que lhe causa reações de revolta? São perguntas que nos inquietam para uma primeira reflexão sobre o martírio da travesti Dandara no que ele apresenta como fato midiático e também como pode colaborar para um olhar crítico que reflita sobre outros fatos parecidos e pouco midiaticizados.

O Caso Dandara tem uma peculiaridade típica dos tempos atuais com o advento da internet. Foi um vídeo caseiro do espancamento da vítima veiculado nas redes sociais que causou comoção midiática relacionada à forma violenta com que as travestis, assim como demais pessoas trans (transexuais, transgêneros), são tratadas fora dos grandes noticiários, cotidianamente, em termos da diversidade e dos direitos humanos. Essas imagens, no entanto, apenas posteriormente foram noticiadas, o que as tornaram imprescindíveis para a edição do referido programa de TV. A temática foi a comunidade LGBTTT⁶, mas que bem poderia ter sido a demora na cobertura de casos de violência contra travestis, é um aspecto que percebemos em termos de investigação jornalística.

Os meios de comunicação de massa cumprem um papel fundamental na assimilação dos conceitos de identidade de gênero e orientação sexual pela sociedade, uma vez que é a partir deles que grande parte da população tem acesso a conteúdos e informações. Neste caso, a TV Globo, pela sua grande abrangência nacional, ainda possui certo poder de “conduzir” as massas por onde julgar pertinente. Sob essa perspectiva, enquanto estudo comunicacional-midiático, o artigo pretende discutir o enfoque do programa Profissão Repórter à comunidade LGBT — mais especificamente às pessoas trans*⁷ — e seus cotidianos. Considerando que o Brasil é, estatisticamente⁸, o país onde mais se mata pessoas LGBTs, e que o Profissão Repórter é uma das maiores referências em jornalismo investigativo na televisão, retratar essa realidade vai de encontro ao fato de que a comunicação como um todo e o jornalismo como uma parte têm, por compromisso social, a obrigação de colaborar com a difusão de assuntos invisibilizados.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros alerta, no Art.6º e inciso XIV, que é dever do jornalista: “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual,

⁶ Sigla que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Se diferencia da sigla LGBT porque inclui as pessoas trans e é utilizada em ações não apenas de homofobia, mas também transfobia.

⁷ O asterisco na frente de “trans” é utilizado para englobar todas as pessoas transexuais, transgêneros, travestis e não-binárias. Importante salientar que o objetivo desse uso é abranger a todos(as) que se identifiquem, e não impor ou excluir algum rótulo.

⁸ Com base no relatório anual de 2016 do Grupo Gay da Bahia (GGB), que acompanha o assassinato da população LGBT no Brasil desde 2005, o país é campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais (a cada 25 horas, segundo o GGB, um(a) LGBT é assassinado(a) vítima da LGBTfobia).

condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza”. Dessa forma, a escolha pelo tema justifica-se pela necessidade de respeito ético e responsabilidade social que o jornalismo tem como discurso que colabora com a formação de opinião e pode contribuir para a quebra de preconceitos disseminados.

Diante de assuntos tão pouco problematizados – mesmo que, em certos casos, bastante midiaticizados, como o da travesti Dandara – surge a necessidade de discussão menos superficial, fortalecida por debate público e reflexão crítica. Mas será que os profissionais, estudantes e professores de comunicação têm em sua formação e atuação essa demanda com a situação de violência com a população trans*? Nosso intuito é um alerta para que seja possível promover uma maior visibilidade, sensibilização e conscientização das pessoas sobre suas vivências e demandas. A mídia, que apresenta comumente pessoas trans* de maneira estereotipada e pejorativa, também vem contribuindo para a denúncia de uma contínua exclusão social. Contudo, tem sido suficiente em seu viés democrático, plural, pela diversidade e em defesa dos direitos humanos? Ou essa defesa dos direitos humanos estaria de tal modo implacável que torna os noticiários meramente espetáculos de violência, sem restaurar a dignidade humana de quem sofreu violência mortal?

O SACRIFÍCIO DE DANDARA

Espancada, apedrejada e assassinada. Entre chutes, tapas, chineladas, pedradas e pauladas, Dandara percebia seu sangue e sua vida irem embora com o olhar conformado, sem chance de defesa. O crime aconteceu no dia 15 de fevereiro de 2017, no bairro Bom Jardim, em Fortaleza (CE), e todo o ódio contido nas agressões foi registrado em vídeos que passaram a circular na internet dezesseis dias após o assassinato. Dandara Kataryne (nome pelo qual gostava de ser chamada), 42 anos, travesti e moradora da região periférica da capital cearense, foi brutalmente agredida e morta por sete⁹ homens dominados pela intolerância. Após a publicação dos vídeos pelos algozes e posterior propagação através das redes sociais, o caso alcançou grande projeção e tornou-se internacionalmente repercutido. “Por favor, parem. Está doendo. Estão me machucando”, suplicava Dandara dos Santos, nome pelo qual, não se sabe exatamente por que, ficou conhecida após a morte.

⁹ De acordo com o inquérito encaminhado pela Polícia Civil ao Ministério Público, sete pessoas são acusadas de participar do homicídio e chega a doze o número de envolvidos.

Várias ligações foram feitas ao 190 pela vizinhança enquanto a travesti implorava por socorro, entretanto uma viatura da polícia somente chegou ao local após o óbito, quando seu corpo, perfurado a balas, já se encontrava em um beco. Apesar da violência do homicídio, as investigações só adquiriram grandes proporções quando a imprensa tomou conhecimento do caso, ambas (polícia e mídia) pressionadas pela repercussão que o registro causou na população. O choque foi tão amplo que, com a ajuda da inspetora da polícia civil Vitória Holanda, amiga da vítima, logo os acusados foram identificados. Ao todo são sete adultos e quatro adolescentes: dos sete adultos, estão¹⁰ presos Francisco José Monteiro de Oliveira Júnior, Jean Victor Silva Oliveira, Rafael Alves da Silva Paiva, Júlio César Braga da Costa e Isaias da Silva Camurça; enquanto foragidos e com prisão preventiva decretada estão Jonatha Willyan Sousa da Silva, Francisco Gabriel Reis e Francisco Wellington Teles. Os menores foram apreendidos e seus respectivos procedimentos encaminhados à 5ª Vara da Infância e da Juventude; já as buscas pelos foragidos estão à cargo do 32º Distrito Policial e da Divisão de Homicídios.

Cleilson era um garoto de alma feminina que costumava dançar Gretchen pelas ruas do Conjunto Ceará e que aos 10 anos foi levado ao hospital por sua mãe, a cantineira Francisca Ferreira de Vasconcelos, de 74 anos, para saber se aquele, de seus 10 filhos, era homem ou mulher; mas Dandara era o que ela sempre quis ser.

Existir como deixar de ser para vir a ser, e isso mostra que a identidade de um existente tem um caráter dinâmico, não lhe pertence previamente, não está assegurada pelo destino, pelas condições geográficas ou socioeconômicas, pelos astros ou pelo código genético, mas é efeito de seu modo de ser-sendo, uma abertura finita a partir de uma situação prévia (VALVERDE, 2006, p.67).

Aos 18, já crescida, se reconhecia mulher e permitia que isso aflorasse em seu corpo. Quando garota, sonhava em ser veterinária — todavia não concluiu sequer o ensino fundamental. Sem estudo e de origem pobre, Dandara seguiu os passos da irmã caçula, a também travesti Sheila, e juntas elas seguiam a vida na prostituição. Nos anos 2000, foram para São Paulo, moraram alguns meses em Belo Horizonte (MG) e só voltaram para Fortaleza uma década depois, quando Sheila, que era soropositiva, morreu vítima de um tumor na cabeça. Apenas mais um episódio triste para ambas, uma

¹⁰ Informações colhidas em 30 de abril de 2017 em matéria do jornal O Povo. Link: <http://www.opovo.com.br/jornal/colunas/vertical/2017/04/tres-acusados-pelo-assassinato-de-dandara-seguem-foragidos.html>

vez que sofriam cotidianamente com a transfobia e já vinham sendo vítimas de agressões.

Depois desse tempo longe de casa, Dandara voltou fraca e doente: havia sido infectada pelo vírus HIV. Não escondeu a doença de ninguém e andava sempre com preservativos, especialmente quando ia para a Praia de Iracema, onde tinha costume de fazer programas. Embora debilitada, era famosa na vizinhança por ser educada, prestativa e alegre; fazia bicos, tarefas domésticas e até vendia roupas usadas que recebia dos(as) amigos(as) para ajudar a mãe e sustentar o vício que tinha no crack, mas seu sonho mesmo era montar um salão de beleza e ser cabeleireira. Dandara sentia nas costas o peso de ser mulher, prostituta, trans* e pobre: os quadros de sua doença acentuavam-se e a discriminação era cada vez mais recorrente — chegou a ser agredida, estuprada e quase morta por quatro homens, mas dessa vez conseguiu fugir.

Dandara dos Palmares também morreu em fevereiro, mas de 1694, durante o período colonial. Relatos dão conta de que ela teria se jogado de uma pedreira ao abismo para não se render a militares e voltar à escravidão. Mulher de Zumbi dos Palmares, participava da elaboração de estratégias de resistência do quilombo, lutava em batalhas e é a mais representativa liderança feminina na República de Palmares. Coincidência ou não, Palmares é também o nome do conjunto habitacional do bairro Bom Jardim onde Dandara foi massacrada. Semelhança ou não, e apesar de ter sido enterrada com o nome de Antônio Cleilson Ferreira Vasconcelos (como foi batizada), Dandara agora é, também, o ícone para a libertação de uma classe. Para Berenice Bento,

A identidade de gênero, pela qual a pessoa lutou e perdeu a vida, lhe é retirada no momento de se notificar ou contabilizar a morte. Toda a biografia de resistência e de agência da pessoa trans assassinada é apagada quando se devolve o corpo aos braços do determinismo biológico (BENTO, 2015, p. 31).

JOGA PEDRA NA GENI

“Geni e o Zepelim” é uma das canções de maior sucesso da peça *Ópera do Malandro*, um musical de 1977/1978 de Chico Buarque. Considerada uma de suas músicas mais geniais, é cantada na peça pela personagem Genivaldo, travesti que responde pelo nome de Geni — embora a letra não apresente marcas linguísticas que comprovem isso, no contexto da *Ópera do Malandro* essa asserção torna-se possível. A narrativa, repleta de duplo sentido e mensagens subliminares (talvez por isso tenha atravessado os filtros de censura da ditadura militar), revela uma heroína injustiçada e

discriminada pela hipocrisia da sociedade. Por ser prostituta, é apedrejada por julgamentos tal qual Maria Madalena foi: “Joga pedra na Geni! Joga pedra na Geni! Ela é feita pra apanhar, ela é boa de cuspir; ela dá pra qualquer um, maldita Geni!”, a cidade grita.

Na primeira estrofe a canção mostra como Geni se identifica e se relaciona com os excluídos sociais, possivelmente por fazer parte deles: “De tudo que é nego torto/Do mangue e do cais do porto/Ela já foi namorada./O seu corpo é dos errantes/Dos cegos, dos retirantes/É de quem não tem mais nada./Dá-se assim desde menina/Na garagem, na cantina/Atrás do tanque, no mato/É a rainha dos detentos/Das loucas, dos lazarentos/Dos moleques do internato. [...]”¹¹. Vivendo de prestar serviços sexuais em um bordel, ela, inicialmente, se recusa a dar seu corpo para o comandante Zepelim. Uma vez que essa atitude põe a cidade em risco, é forçada por sua bondade a aceitar o pedido. As vozes clamam em coro por sua ajuda e, hipócritas, defendem seus interesses em troca do corpo dela. De maldita, a promíscua Geni passa a ser bendita. Contra sua vontade, entrega-se ao comandante “como quem dá-se ao carrasco” e, logo após o abuso, a música diz: “se virou de lado/e tentou até sorrir [...]”. Objetificada e humilhada, assim que sacia as vontades da cidade e de Zepelim, Geni volta a não ter utilidade nenhuma; e por isso não apenas é novamente apedrejada como também envolvida pelo asco de ser, para estes, uma escória social que está “a serviço de todos”: “Joga bosta na Geni!”.

As relações de poder da sociedade que apedrejou Geni são as mesmas da que apedrejou Dandara; ambas são tidas como marginalizadas e nenhuma delas se encaixa no modelo pré-estabelecido de representação social.

Para Rita Segato (1998, p. 8) e Judith Butler (2003, p. 8), a heteronormatividade é a matriz base para o estabelecimento do poder e da naturalização dos corpos, gêneros e desejos. Ela é a primeira inserção do poder na socialização do sujeito e pode ser apresentada como uma grade de símbolos culturais e sociais que se estabelecem de forma cognitiva. Nela, todos os sujeitos são imersos numa repetição ordenada de signos que, como já vimos, começa com aquela primeira cena a que o indivíduo é exposto e continua através de um emaranhado de fatores, como mídia e escolarização, e que vão orientar e classificar esses sujeitos de acordo com um ideal comportamental. Esse ideal nunca será plenamente alcançado, mas aquela ou aquele que não fizer a tentativa ou desviar da performance de representação do papel pagará com sua dignidade e estará exposta ou exposto às

¹¹ HOLLANDA, C. B. de. “Geni e o Zepelim”. Ópera do Malandro. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1978/1979.

violências de todo tipo, desde olhares enviesados até linchamentos fatais. (REIS; PINHO 2016, p. 12-13)¹²

A construção crítica da narrativa “Geni e o Zepelim” retrata com acidez e sensibilidade as relações distorcidas das Genis em uma sociedade que não vive em harmonia porque não se aceita. Geni representa não só a hipocrisia de uma sociedade doente, mas um pouco de todos(as) os(as) que são apedrejados(as) diariamente.

O programa Amor e Sexo, também da Rede Globo, abriu seu espaço em horário nobre e fez da edição do dia 02 de março de 2017 um verdadeiro arco-íris. Em meio às discussões sobre diversidade de gênero, a cantora Liniker apresentou uma versão alternativa de “Geni e o Zepelim” que muito emocionou. Como uma renovação das manifestações sensíveis, quando o coro começa a “jogar pedras” na Geni, Liniker interrompe e quebra a roda dizendo: “Não joga!”. Ela continua, após alguns segundos em silêncio: “O Brasil é o país que mais mata travestis, transexuais, homossexuais e bissexuais no mundo. Isso tem que acabar. Basta! Só assim podemos nos redimir... Bendita, Geni!”.

Liniker identifica-se como uma pessoa não-binária e integra um consistente grupo de artistas surgidos nos últimos anos no cenário musical brasileiro, os(as) quais têm em comum a postura de orgulho e empoderamento de sua sexualidade. São nomes como Johnny Hooker, Jaloo, As Bahias e a Cozinha Mineira, Pablio Vittar, Banda Uó, Rico Dalasam, cearenses como Daniel Peixoto e a banda Verônica Decide Morrer, etc. Suas músicas fogem do que é estritamente musical, elas surgem da necessidade de transgredir através de meios de transcendência.

A TRAGÉDIA DE VIVER E MORRER TRANS NO BRASIL

O Brasil é recordista mundial em assassinatos a pessoas LGBTs. A mais antiga associação em defesa de homossexuais e transexuais do país, o Grupo Gay da Bahia (GGB), aponta que, desde que iniciaram a pesquisa (há 37 anos), 2016 teve o maior número de vítimas: foram 343 mortos(as), dos(as) quais 173 eram gays (50%), 144 (42%) trans (travestis e transexuais), 10 lésbicas (3%), 4 bissexuais (1%), além de 12 heterossexuais também em crimes homofóbicos (“*T-lovers*”¹³). O estado de São Paulo lidera a lista, com 49 assassinatos. Ainda de acordo com o GGB, as pessoas trans*

¹² Artigo publicado na *Reflexão e Ação*, revista do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado da Unisc (Universidade de Santa Cruz do Sul).

¹³ Termo de origem norte-americana que, no Brasil, refere-se a homens que se relacionam com pessoas trans*, especialmente travestis e transexuais.

formam o segundo grupo mais atingido entre as vítimas fatais decorrentes de ataques LGBTfóbicos no mesmo ano, com uma média de uma a cada três dias. O risco de elas serem assassinadas é 14 vezes maior em relação a gays. Sua expectativa de vida é de 35 anos, menos da metade da média nacional — que é de 75.

ASSASSINATOS DA POPULAÇÃO LGBT NO BRASIL



Fonte: Site Estado de Minas (dados do Grupo Gay da Bahia)¹⁴.

É impossível precisar o número de pessoas trans* que foram mortas no país. Nos dados das secretarias de segurança pública, os boletins de ocorrência não geram indicadores baseados em identidade de gênero e orientação sexual. O nome de Dandara, por exemplo, consta no relatório diário de Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Ceará (SSPDS) como Antônio Cleilson Ferreira Vasconcelos, seu nome de registro. No espaço destinado ao tipo de arma utilizada no crime, está escrito apenas “outros”.

Pouco antes de o caso Dandara vir à tona, precisamente na madrugada do dia 12 de fevereiro, também em Fortaleza a (também) travesti Hérika Izidoro, de 24 anos, voltava de uma festa de pré-carnaval quando foi surpreendida por vários homens, espancada, violentada e arremessada de um ponto alto da avenida José Bastos, uma das mais movimentadas da cidade. Hérika só foi encontrada no dia seguinte, com o rosto desfigurado, perda de massa encefálica e em estado grave. Esteve internada no Instituto Dr. José Frota (IJF) durante dois meses, em coma boa parte desse período, e encontrava-se com quadro sério de traumatismo craniano, em estado vegetativo. Com menos repercussão e em virtude da falta de provas, nenhum suspeito foi identificado e ninguém

¹⁴ Link: <http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/dandara/2017/03/09/noticia-especial-dandara,852965/brasil-e-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais.shtml>

foi preso pelo crime. Dona Vânia, mãe de Hérika, ainda hoje se pergunta: “por que tanto preconceito?”¹⁵.

Uma pesquisa conduzida em 2016 pelo site *Redtube* revela um paradoxo perturbador e preocupante no qual o Brasil está inserido: de acordo com o estudo, somos o país que mais procura por conteúdo adulto trans* na plataforma de vídeos online. Ou seja, em contraponto ao fato de sermos o local do globo que mais os(as) mata, somos também o que mais busca por pornografia trans*. Mesmo sem divulgar dados específicos, o *Redtube* afirma: “você tem 89% mais chances de pesquisar sobre transexuais [no site], se vier do Brasil”. Entre os 30 termos mais pesquisados pelos brasileiros estão palavras como “travesti” e “*brazilian shemale*”¹⁶. Sites como *XVÍdeos*, *Redtube*, *PornHub* e *Evil Angel*, que iniciaram a produção de conteúdos com transexuais no final dos anos 1990, tendem a reservar mais espaço para estes. Antes separados em seções gays, agora os filmes não se isolam mais nesta categoria e o aumento da busca só cresce a cada ano. Enquanto os brasileiros destilam ódio contra essa comunidade, já imersa em um estigma de hipersexualização, buscam prazer nos vídeos de sexo que envolvem LGBTTTs, principalmente travestis.

Em março de 2017, logo que o crime com Dandara ficou conhecido, viralizou nas redes sociais a campanha “#PelaVidaDasPessoasTrans”, *hashtag*¹⁷ criada por Fabianna Mello que mobilizou milhares de pessoas e as convidou a pensar sobre o porquê de algumas vidas valerem mais (ou menos) que outras. O movimento provocou grande comoção e desencadeou uma série de marchas, como o Ato Contra a Barbárie Transfóbica, em Fortaleza, e a Vigília por Dandara, em Juazeiro do Norte. A abertura de discussões neste âmbito permite compreender que, apesar de ainda ser um tabu,

A sexualidade é alvo de discursos de verdade, encontra-se na vida social todo um conjunto de atores sociais que, partindo de princípios e/ou fins morais, educativos, políticos, médicos ou religiosos, têm no combate à homossexualidade e aos direitos LGBT uma estratégia fundamental de reafirmação da norma de gênero e sexual. Esses discursos circulam na vida social reforçando e mesmo legitimando saberes e comportamentos homofóbicos, para os quais inclusive a conquista de direitos surge como disruptura da família e das instituições sociais (FOUCAULT, 2006, p. 21).

¹⁵ Parte do depoimento da mesma durante entrevista emocionada ao site NLUCON, do jornalista Neto Lucon. Link: <http://www.nlucon.com/2017/04/a-ultima-lagrima-da-travesti-herica.html>

¹⁶ Termo inglês que significa travesti brasileira.

¹⁷ Com origem do inglês, significa ‘palavra-chave utilizada para categorizar os conteúdos publicados nas redes sociais por meio do símbolo “#”

Agressões ao público LGBT têm ecoado a necessidade de ações públicas de proteção à comunidade. Para Dário Bezerra, representante do Grupo de Resistência Asa Branca (Grab), com sede em Fortaleza, a maioria dos casos de violência permanece impune e a falta de estatísticas oficiais seria uma prova da ausência do governo na luta contra a transfobia: “se não existem dados, é porque não existimos para eles”¹⁸.

Quase um mês após o linchamento de Dandara, a pressão da população fez com que autoridades do governo do Ceará se reunissem para assinar decretos do programa “Pacto por um Ceará Pacífico” — entre eles, uma autorização para que mulheres travestis e transexuais sejam atendidas em Delegacias da Mulher do estado em casos de violência doméstica. Na reunião ainda foram discutidas a permissão para transexuais e travestis usarem o nome social em serviços governamentais e a inclusão de representantes do movimento LGBT nos Conselhos Comunitários de Defesa Social (CCDS), associados à Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS).

TRANS NA MÍDIA

A maioria das notícias que envolvem pessoas trans* está associada a algum tipo de violência — quando não, sua imagem frágil e marginalizada remete a escândalos (como a polêmica com o jogador Ronaldo Fenômeno). Posto que a comunicação é essencial ao desenvolvimento humano e a imprensa moderna apresenta-se através de rádio, TV, jornais e internet, exercendo um controle quase hegemônico sobre tudo o que deve ser visto, ouvido ou lido, é preciso muita cautela no que tange à repercussão que tais informações podem causar. Com a facilidade de transmissão, qualquer assunto tem capacidade de obter grandes dimensões.

Marilena Chauí (2006), ressalta a diferença entre televisão antiga e atual (chamadas de paleotvê e neotvê, respectivamente), sob a perspectiva de Umberto Eco. Enquanto a primeira retrata acontecimentos que independem da transmissão para acontecerem, a segunda cria os acontecimentos para que sejam transmitidos. A realidade é reduzida a espetáculo, logo o que não vende não é digno de ser apresentado.

Aplicando isso às questões de gênero, por meio de levantamento feito através de um dossiê de notícias pela Rede Trans Brasil no ano de 2016, constatou-se que em 78% dos textos jornalísticos a imprensa desrespeita a identidade de gênero das (na maior parte dos casos) vítimas. Há, em destaque, a problemática dos posicionamentos políticos

¹⁸ Em entrevista ao site BBC Brasil sobre o caso Dandara. Link: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39227148>

de cada veículo de comunicação, o que muitas vezes reforça a reprodução de preconceitos por receio de dificultar o entendimento de seus(uas) espectadores(as).

Nessa linha, é cabível evidenciar explicações que Marcos Benedetti (2005) apresenta com relação ao emprego do termo travesti como feminino gramaticalmente (a travesti). A primeira justificativa refere-se ao fato de respeitar a utilização do termo êmico — ou seja, as próprias travestis se identificam com o universo feminino — e manter essa designação pode significar uma valorização da transformação corporal buscada por elas. A segunda se refere ao âmbito político: uma das principais reivindicações dos movimentos organizados é justamente o respeito e a garantia da construção do feminino entre as pessoas trans*. A Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA) definiu um conceito próprio para as travestis: “Uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguido de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade” (ANTRA, 2012, p. 10). Respeitar a identidade de gênero, enquanto profissional do jornalismo, é entender o Artigo XIV do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e fazê-lo valer na prática.

Além dos jornais, personagens trans* estão também no cinema e sua representação nas telonas é um pouco mais ampla. Alguns personagens retratam bem os desafios vivenciados pela população trans*, bem como mostram que transexuais e travestis não são risonhos, maquiados e prontos para um agito a todo o momento. O filme *Clube de compras Dallas*, por exemplo, retratou uma travesti portadora de AIDS nos anos 80, o que rendeu ao ator Jared Letto um Oscar. A mídia estrangeira tem dado grande destaque para as pessoas trans*, de maneira cada vez menos estereotipada: séries como “Sense 8” e “Orange Is The New Black” têm aberto espaço para atrizes trans*. Apesar de ser um grande progresso, a questão que fica é justamente essa: por que não chamar atores e atrizes transexuais para desempenhar tais papéis?

PROFISSÃO REPÓRTER

Profissão Repórter é um programa jornalístico e de entretenimento¹⁹, produzido e televisionado pela Rede Globo desde 2008. No ar semanalmente, é apresentado pelo

¹⁹ É um dos maiores programas de jornalismo investigativo, mas também atinge o entretenimento, para Gomes (2011) o entretenimento no Profissão Repórter se dá pelas características como a linha narrativa que mantém uma linearidade, os recursos audiovisuais do programa são específicos do entretenimento e o repórter se torna personagem da reportagem.

jornalista Caco Barcellos e sua equipe de repórteres “através de uma narrativa, mostrando mais um elo de ligação com o entretenimento, ele apresenta os personagens, e introduz partes das histórias daqueles personagens.” (GOMES, 2011, p.180). O enredo da trama é “acompanhado por determinados enquadramentos de câmera que ressaltam a emoção dos personagens” (GOMES, 2011, p.180).

O caso Dandara dos Santos tornou-se pauta da edição do dia 26 de abril de 2017. Caco Barcellos esteve no começo de março em Fortaleza colhendo informações sobre o assassinato e participou, inclusive, da reunião de representantes do Movimento LGBT da cidade com o governador do estado do Ceará, Camilo Santana. Além de ter acompanhado o andamento das investigações, conheceu o bairro onde a travesti vivia e a história por trás daquele nome — com todo o significado que carrega.

No primeiro bloco, a inspetora Vitória Holanda diz não haver outro motivo para a morte da amiga de infância, se não a homofobia: “A figura dele como homossexual foi o que mais pesou para eles o executarem. [...] Não tenho dúvida alguma de que foi homofóbico” (PROFISSÃO REPÓRTER, 2017, 11’08’’).

Saindo do Bom Jardim, o repórter vai até o IJF (Instituto Dr. José Frota) visitar Hérika Izidoro, a travesti de 24 anos espancada e arremessada no alto da avenida José Bastos. Ela aparece presa à cama do hospital e sua saúde encontra-se comprometida. A mãe da vítima fala que o que fizeram com sua filha foi “uma perversidade, [...], só por maldade” (PROFISSÃO REPÓRTER, 2017, 31’39’’). Hérika faleceu depois de 60 dias internada em estado vegetativo, algumas semanas depois da reportagem ter sido gravada.

Ainda no primeiro bloco, o repórter Guilherme Belarmino vai até São Paulo conhecer a Casa 1, lugar que acolhe LGBTs expulsos(as) de casa pela família. O abrigo é mantido com a ajuda de doações coletivas e foi fundado pelo jornalista Iran Giusti e o estudante Otávio Salles. Cindy Breezy, moradora da república de acolhimento, destaca que no mercado de trabalho não é diferente, a homofobia está presente; enfatiza que não há chances de conseguir emprego, principalmente quando se é mulher, trans e negra: “[...] todas as vezes que eu saía para arranjar emprego, como trans e negra, nunca conseguia [...]” (PROFISSÃO REPÓRTER, 2017, 17’59’’).

Em Itapevi (SP), Caco Barcellos visita a família de Aghata, 26 anos, mulher trans que foi encontrada morta, perto da rua onde morava com os pais (PROFISSÃO REPÓRTER, 2017, 19’22’’). Ela iria se formar no segundo semestre de 2017 em Artes

Plásticas. O motivo da morte ainda não foi elucidado, mas o irmão diz ter visto várias escoriações no corpo; para seus familiares foi homicídio, já o laudo aponta ferimentos na cabeça, edema pulmonar, edema cerebral e que a causa da morte foi infarto no miocárdio.

Já em Salvador, na Bahia, a repórter Monique Evelle conhece a história de Bernardo, que nasceu Bárbara e vai se assumir para a mãe que já sabe da sua homossexualidade, entretanto, não da transexualidade. Bernardo, juntamente com a repórter e a sua namorada vão até Pesqueira, interior do Pernambuco, local onde a família de Bernardo mora. “Eu tenho muito receio porque minha família é extremamente religiosa. Minha mãe tem amigas lésbicas [...], mas quando eu cheguei pra falar... Não, na minha casa não” (PROFISSÃO REPÓRTER, 2017, 06’43’’). Ao conversar com a mãe sobre sua transexualidade, permitiu que o programa gravasse somente o áudio da conversa. Quando indagada por Bernardo sobre o que achava da mudança, Geralda do Nascimento afirma: “não gostaria que você tivesse se transformado assim, mas se isso lhe faz bem...” (PROFISSÃO REPÓRTER, 2017, 33’11’’).

Ora, a mídia participa ativamente da construção/desconstrução de conceitos por parte dos sujeitos, refletindo principalmente no modo como pensam e agem. Esta edição do Profissão Repórter, em se tratando de um tema delicado a ser exposto, abordou de maneira sensível a realidade de muitos(as) Brasil afora, e possibilitou um alcance significativo na luta pelos direitos dos(as) LGBTs. Para que a sociedade acesse, gradativamente, um grau de entendimento acerca do que ainda é visto como diferente, a representatividade desse público precisa ser garantida nos meios e, dessa forma, estendida às mais diversas esferas.

Caitlyn Jenner, atriz que recentemente assumiu sua transexualidade ao mundo, disse ao ESPY (premiação anual que homenageia os melhores atletas e momentos do ano no esporte): “Se você quiser me dar apelidos, fazer piadas, duvidar das minhas intenções, vá em frente. Porque a realidade é: *eu* posso aguentar isso. Mas as milhares de crianças lá fora, tentando chegar a um acordo com o mundo sobre quem eles realmente são, não deveriam ter que aguentar. Isso é sobre algo muito simples: aceitar as pessoas como elas são”²⁰.

²⁰ Link: <http://www.nos2.co/2015/07/o-discurso-emocionante-de-caitlyn-jenner-no-espy/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero é um papel social imposto, é performance — segundo a teoria queer. Ao analisarmos os veículos de comunicação e produtos da indústria cultural no Brasil sob a ótica trans*, caímos novamente na mesma problemática: há representação, mas não há representatividade. Em novelas e filmes brasileiros, por exemplo, apesar da representatividade parecer positiva, as personagens são sempre rasas e normalmente interpretadas por atores cisgênero. Isso é prejudicial para uma classe que luta para sair das margens e colocar-se em foco como protagonistas de suas próprias histórias. No jornalismo, em breves pesquisas sobre trans a maioria das notícias tem relação com morte, criminalidade, patologização e prostituição. Enquanto mídia e sociedade democráticas, como condicionamos um grupo a se ver apenas dentro de perspectivas cruéis?

Nesse sentido, a alínea principal deste trabalho era, inicialmente, analisar o porquê do jornalismo (seja ele televisivo, impresso ou digital) demonstrar pouco interesse em realizar coberturas ou produzir notícias/matérias sobre acontecimentos que dizem respeito à pessoas trans, além de problematizar as razões que levam jornalistas a redigirem textos sem o mínimo de preocupação com o tratamento dado a essas pessoas.

Averiguada a edição do Profissão Repórter sobre LGBTs no Brasil, um tanto quanto menos sensacionalista que outras já realizadas, e com base nas pesquisas sobre a realidade da comunidade trans* nesse contexto, foi observada a necessidade de cada vez mais se repensar a prática jornalística em coberturas sobre esses assuntos. O repórter Caco Barcellos e sua equipe fizeram um excelente trabalho de apuração se levarmos em conta a pluralidade de vozes durante a matéria exibida em 26 de abril de 2017, o que acabou por mostrar diferentes realidades, lugares e perspectivas, inter-relacionados. Porém, ressaltamos a necessidade e urgência de uma edição pautada na violência e morte de pessoas trans, como o Caso Dandara e tantos outros. Assim reportagens como esta não serão uma exceção à regra, mas, sim, um fazer jornalístico engajado social e politicamente.

Nesse sentido, destacamos a importância do trabalho de formação do jornalista no meio acadêmico, fortalecendo disciplinas como Comunicação e Direitos Humanos, em especial, sobre a forma com que devem ser produzidos textos respeitando à orientação sexual e identidade de gênero.

Além disso, com base na coleta de dados estatísticos, foi constatada a importância de um mapeamento preciso das mortes por transfobia, o que por sua vez acarretaria em outra observância: a urgência de mais entidades/órgãos encarregados de suscitar estatísticas. Ambos os processos têm relação direta com mudanças legislativas (a exemplo do direito ao nome social), bem como com a carência de políticas públicas voltadas a esse público.

Dandara pode nunca ter tido essa pretensão, mas sua morte a tornou símbolo de resistência para uma comunidade, como também desafia ainda os meios de comunicação com seu martírio midiático, em termos de cobertura e do papel social dos *media*. Com esse estudo, buscamos suscitar a abrangência de pesquisas e análises sobre a figura das pessoas trans* na mídia, de preferência, que obtenham, cada vez mais, resultados positivos com relação ao que as práticas jornalísticas vêm desempenhando.

REFERÊNCIAS

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil. **Relatório final XIX ENTLAIDS: da transfobia à cidadania**. Brasília, 2012.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **Verônica Bolina e o transfeminicídio no Brasil**. Cult, São Paulo, n. 202, p. 30-33, jun. 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: Uma análise da mídia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: Edufba, 2011. 284 p. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/1585/1/Generos%20televisivos.pdf>>. Acessado em: 03 de maio de 2017.

PROFISSÃO REPÓRTER. **LGBT**. Rio de Janeiro: Globo, 26 de abril de 2017. Programa de TV. Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/5829216/>>. Acessado em: 01 de maio de 2017.

REIS, Neilton; PINHO, Raquel, 2016. **Gêneros Não-binários: Identidades, Expressões Educação**. 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045/pdf>>. Acessado em: 1º de maio de 2017.

VALVERDE, M. **Comunicação e Experiência Estética**. In: **Entre o Sensível e o Comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.